

# A festa era aqui dentro, os foguetes lá na praça

**Maria Lúcia**

Naquela época, lá nos confins da minha terra existiam poucos meios de comunicação, no entanto minha mãe ouvia a rádio Guaíba e assinava a revista O Cruzeiro, que embora chegasse sempre em atraso, trazia-nos as informações mais quentes do que acontecia pelo mundo afora.

Um dia como de costume, recebi dois ou três exemplares da revista e antes de avisar que tinham chegado, me apossei delas e fui ler as escondidas.

Entre tantas notícias interessantes, uma em especial chamou minha atenção. Li que se encontrava em teste no meio médico, a pílula anticoncepcional. Apesar da pouca idade que tinha aquilo me admirou, achei sensacional.

Por um momento senti intuitivamente, a revolução que aquela descoberta traria ao mundo e as mulheres da minha geração.

Encantada com a notícia e com a minha capacidade em entender o que li, corri atrás de alguém para contar a novidade, ao chegar na sala da lareira onde minha família costumava estar reunida, encontrei somente meu avô. Como sempre sentado em sua poltrona preferida e com sua mão apoiada na bengala e de saída para o Clube, onde passava suas tardes no carteado com os amigos e fui logo implorando.

- Espere, tenho uma coisa para lhe mostrar.

O velho estranhando minha excitação e euforia sentou-se novamente e perguntou.

- O que queres me mostrar?

- Olha . . . Tem uma notícia aqui nesta revista;

Naquele momento vacilei, senti uma ponta de dúvida, contar logo para meu avô aquela notícia, era muito atrevida para a minha idade e não era comum tanta liberdade entre os avós e suas netas naquele tempo, mas não recuei, fui em frente motivada pela grande novidade que havia descoberto.

- Está escrito aqui, que inventaram um remédio, para as mulheres não ficarem grávidas;

Vovô a princípio arregalou os olhos, tossiu, acomodou-se melhor na poltrona e disse.

- É . . . Leia ai, do o que se trata.

Com meu coração batendo em disparada e até gaguejando, li pausadamente para ele e quando terminei ele naturalmente comemorou.

- Que maravilha! Este mundo está de ponta cabeça . . . quê mais não inventam !!??

E então para meu alívio e surpresa, aquele velho homem que anunciava ser feliz por ter feito todas as coisas que quis em sua vida, me sai com esta.

- Que coisa, heim minha filha.! Quem dera já tivesse este remédio quando eu e minha velha éramos moços.

Eu então animada com a importância que ele havia dado a minha descoberta e a minha petulância fui logo disparando.

- Posso perguntar uma coisa?

- Sim, pergunte.

- Se antes não existia esta pílula, como foi que meu tio nasceu nove anos depois da titia?

Novamente arregalou os olhos e num ato de total cumplicidade perguntou.

- Onde estão tua avó e tua mãe?

- Lá na cozinha, respondi.

- Olhe bem, veja se não estão atrás da porta ouvindo nossa conversa.

Meu coração batia em disparada, minha mão suave, alegria e orgulho me dominavam naquele instante, corri até a outra sala e me certifiquei de que estavam entretidas na lida da cozinha.

- Sim, estão lá na cozinha.

- Então, vou te contar como aconteceu o que me perguntou.

Era assim, e olhando fixamente dentro dos meus olhos de espanto, me deu a resposta mais intrigante de que foi capaz.

- Assim . . . A festa era aqui dentro e os foguetes lá na praça.

Levantou-se devagar, pegou sua bengala e seu chapéu de feltro cinza chumbo e foi jogar seu carteadó no Clube Comercial.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/a-festa-era-aqui-dentro-os-foguetes-la-na-praca>